

basta ao homem a inteligencia apurada, é-lhe necessário iluminar raciocínios para a vida eterna. As igrejas são sempre santas em seus fundamentos e o sacerdocio sera sempre divino, quando cuide essencialmente da Verdade de Deus; mas o sacerdocio politico jamais atenderá a sôbre espiritual da civilização. Sem o sôpro divino, as personalidades religiosas poderão inspirar respeito e admiração, menos a fé e a confiança.

— Mas, o Espiritismo? — perguntou abruptamente um dos circunstantes. — Não surgiram as primeiras florões doutrinários na América e na Europa, há mais de cincuenta anos? Não continua esse movimento novo a serviço das verdades eternas?

Benevenuto sorriu, esboçou um gesto extremamente significativo e acrescentou:

— O Espiritismo é a nossa grande esperança e, para todos os títulos, é o Consolador da humanidade encarnada; mas a nossa marcha é ainda muito lenta. Trata-se de uma divida sublime, para a qual a maioria dos homens ainda não possue "olhos de ver". Esmagadora percentagem dos aprendizes novos aproxima-se dessa fonte divina a copiar antigos vícios religiosos. Quem recebe proveitos, mas não se dispõem a dar causa alguma de si próprios. Invocam a verdade, mas não caminham ao encontro dela. Enquanto muitos estudiosos reduzem os médiums a cobaias humanas, numerosos cretates procedem à maneira de certos enfermos que embora curados, crêem mais na doença que na saúde, e nunca utilizam os próprios pés. Enfim, procuram-se, por lá, os espíritos materializados para o fenomenismo passageiro, ao passo que nós outros vivemos à procura de homens espiritualizados para o trabalho sério.

O trocadilho arrancou expressões de bom humor geral, acrescentando o Ministro gravemente:

— Nosos serviços são astronómicos. Não esqueçamos, porém, que todo homem é semente da divindade. Ataquemos a execução de nossos deveres com esperança e otimismo, e estejamos sempre convictos de que se ben fizermos a nossa parte, podemos permanecer em paz, porque o Senhor fará o resto.

## XLIV

### AS TREVAS

Enriquecendo as alegrias da reunião, Lisias deu-me a conhecer novos valores da sua cultura e sensibilidade. Dedilhando com maestria as cordas da cítara, nos fez lembrar velhas canções e melodias da Terra.

Dia verdadeiramente maravilhoso! Sucediam-se júbilos espirituais, como se estivéssemos em pleno paraíso.

Quando me vi a sóz com o bondoso enfermeiro do Auxílio, procurei transmitir-lhe minhas subimes impressões.

— Não tenha dúvida — disse, sorrindo — quando nos reunimos áqueles a quem amamos, ocorre algo de confortador e construtivo em nosso íntimo. E' o alimento do amor, André. Quando numerosas almas se congregam no círculo de tal ou qual atividade, seus pensamentos se entrelaçam, formando núcleos de força viva, através dos quais cada um recebe seu quinhão de alegria ou sofrimento, da vibração geral. E' por essa razão que, no planeta, o problema do ambiente é sempre fator ponderável no caminho de cada homem. Cada criatura verá daquilo que cultiva. Quem se oferece diariamente a tristeza, nela se movimentará; quem enaltece a enfermidade lhe sofrerá o dano.

Observando-me a estranheza, concluiu:

— Não ha nisto mistério. E' lei da vida, tanto nos esforços do bem, como nos movimentos do mal. Das reuniões de fraternidade, de esperança, de amor e de alegria, sairemos com a fraternidade, a esperança, o amor e a alegria de todos; mas, de toda assembléia de tendências inferiores, em que predominem o egoísmo, a

vaidade ou o crime, sairemos envenenados com as vibrações destrutivas desses sentimentos.

— Tem razão — exclamei comovido — vejo nisso, igualmente, os princípios que regem a vida nos lares humanos. Quando há compreensão reciproca, vivemos na ante-câmara da ventura celeste, e, se permanecemos em desentendimento e maldade, temos o inferno vivo.

Lírias teve uma expressão de bom humor, confirmando a sorrir.

Foi, então, que me lembrei de interpelá-lo sobre uma cousa que, de algumas horas, me torturava a mente. Referia-se o Governador, quando nos dirigiu a palavra, aos círculos da Terra, do Umbral e das Trevas, mas, francamente, não tinha eu, até então, qualquer notícia dessa último plano. Não seria região trevosa o próprio Umbral, onde vivera, por minha vez, em sombras densas, durante anos consecutivos? Não via, nas Camaras, numerosos desequilibrados e doentes de toda a espécie, procedentes das zonas umbralinas? Recordando que Lírias me deu esclarecimentos tão valiosos da minha própria situação, no inicio da minha experiência em "Nosso Lar", confiou-lhe minhas dúvida intimas, expondo-lhe a perplexidade em que me encontrava.

Ele esboçou uma fisionomia bastante significativa, e falou:

— Chamamos Trevas às regiões mais inferiores que conhecemos. Considere as criaturas como itinerantes da vida. Alguns, poucos, seguem resolutos, visando o objetivo essencial da jornada. São os espíritos nobilíssimos, que descobriram a essência divina em si mesmos, marchando para o alvo sublime sem vacilações. A maioria, no entanto, estaciona. Temos então a multidão de almas que demoram séculos e séculos, recapitulando experiências. Os primeiros seguem por linhas retas. Os segundos caminham descrevendo grandes curvas. Nessa movimentação, repetindo marchas e refazendo velhos esforços, ficam à mercê de inúmeras vicissitudes. Assim é que muitos costumam perder-se em plena floresta da vida, perturbados no labirinto que tracejam para os próprios pés. Classificam-se aí, os milhões de seres que perambu-

lam no Umbral. Outros, preferindo caminhar às escuras, pela preocupação egoística que os absorve, costumam cair em precipícios, estacionando no fundo do abismo por tempo indeterminado. Compreendeu?

As elucidações não poderiam ser mais claras.

Sensibilizado, porém, com a extensão e complexidade do assunto, ponderou:

— Entretanto, que me diz dessas quedas? Verificam-se apenas na Terra? Sómente os encarnados são suscetíveis de precipitação no despenhadeiro?

Lírias pensou um minuto e respondeu:

— Sua observação é oportuna. Em qualquer lugar, o espírito pode precipitar-se nas furnas do mal, salientando-se, porém, que nas esferas superiores as defesas são mais fortes, imprimindo-se, consequentemente, mais intensidade de culpa na falta cometida.

— Entretanto — objetei — a queda sempre me pareceu impossível nas regiões estranhas ao corpo terreno. O ambiente divino, o conhecimento da verdade, o auxílio superior figuravam-se-me antídotos infallíveis ao veneno da vaidade e da tentação.

O companheiro sorriu e obtemperou:

— O problema da tentação é mais complexo. As paisagens do planeta terrestre estão cheias de ambiente divino, conhecimento da verdade e auxílio superior. Não são poucos os que compartem, ali, de batalhas destruidoras entre as árvores generosas e os campos primaveris; muitos cometem homicídios ao luar, insensíveis à profunda sugestão das estrelas, outros exploram os mais fracos, ouvindo elevadas revelações da verdade superior. Não faltam, na Terra, paisagens e expressões essencialmente divinas.

As palavras do enfermeiro calavam-me fundo no espirito. De fato, em geral, os guerreiros estimam a destruição na primavera e no estio, quando a natureza estende no solo e no firmamento maravilhas de cér, perfume e luz; os latrocínios e homicídios são praticados, de preferência, à noite, quando a luz e as estrelas enchem o planeta de poesia divina. A maioria dos verdugos da humanidade constitui-se de homens eminentemente cul-

tos, que desprezam a inspiração divina. Renovando minha concepção referente à queda espiritual, acrescentei:

— Contudo, Lísias, pederei você dar-me uma idéia da localização dessa zona de Trevas? Se o Umbra! estiver ligado à mente humana, onde ficará semelhante lugar de sofrimento e pavor?

— Ha esferas de vida em toda parte — disse ele solícito — o vácuo sempre ha de ser mera imagem literária. Em tudo ha energias viventes e cada espécie de sérzes funciona em determinada zona da vida.

Depois de pequeno intervalo, em que me pareceu meditar profundamente, continuou:

— Naturalmente, como aconteceu a nós outros, você situou como região de existência, além da morte do corpo, apenas os círculos a se iniciarem da superfície do globo, para cima, esquecido do nível para baixo. A vida, contudo, palpita na profundezas dos mares e no âmago da terra. Além disso, ha princípios de gravitação para o espírito, com se dá com os corpos materiais. A Terra não é sómente o campo que podemos ferir ou menosprezar, a nosso belprazer. E' organização viva, possuidora de certas leis que nos escravizarão ou libertarão, segundo nossas obras. E' claro que a alma esmagada de culpas não poderá subir á tona do lago maravilhoso da vida. Resumindo, devo lembrar que as aves livres ascendem ás alturas; as que se embarcam no cipoá! sentem-se tolhidas no voo, e as que se prendem a péso considerável são meras escravas do desconhecido. Percebe?

Lísias, porém, não precisaria fazer-me esta pergunta. Avaliei, de pronto, o quadro imenso de lutas purificadoras, a desenhar-se ante meus olhos espirituais, nas zonas mais baixas da existência.

Como alguém que precisa ponderar bastante, por exprimir-se, o companheiro pensou, pensou... e conclui:

— Qual acontece a nós outros, que trazemos em nosso íntimo o superior e o inferior, também o planeta trás em si expressões altas e baixas, com que corrige o culpado e dá passagem ao triunfador para a vida eterna. Você sabe, como médico humano, que ha elementos no cérebro do homem que lhe presidem o senso direutivo.

Haja, porém, reconhece que esses elementos não são propriamente físicos e sim espirituais, na essência. Quem estime viver exclusivamente nas sombras, embotará o sentido divino da direção. Não será demais, portanto, que se precipite nas Trevas, porque o abismo atrai o abismo e cada um de nós chegará ao local para onde esteja dirigindo os próprios passos.